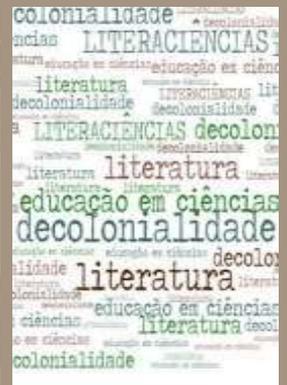
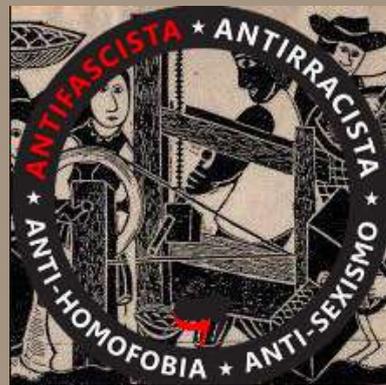




## Boletim informativo dos grupos de pesquisas



# DiCiTE e Literaciências

Julho de 2020.



### Atividades durante a pandemia

>>>

- Adaptação dos encontros para videoconferência;
- Nota de posicionamento antirracista;
- Leituras coletivas;
- Discussões sobre os projetos de Mestrado e Doutorado.

“O que é extremamente letal são os abismos sociais que a nossa sociedade produziu e finge que não existem.”

*Emicida, 14/06/2020.*

É com a delação do rapper Emicida que começamos o boletim informativo dos grupos de pesquisas Discursos da Ciência e da Tecnologia na Educação (DiCiTE) e Literaciências, que foi pensado para divulgar o trabalho acadêmico durante a pandemia contra o Sars-Cov-2.

Não distantes dos desafios sociais existentes para a tão sonhada educação democrática, nesta edição trazemos detalhes sobre algumas pesquisas e a rotina multifacetada que transpassa o home office de mestrandes e doutorandes. Lembramos que este o meio de comunicação abraça apenas uma pequena parcela de experiências do grupo e que só foi possível pelo acesso tecnológico minimamente viável, circunstâncias que infelizmente não são comuns a todes nas universidades

A suspensão das aulas presenciais no mês de Março foi uma atitude essencial, mas que surpreendeu todos os níveis de ensino do país, fato que ainda nos exige esforços para mover ações

O que o levante antirracista tem nos ensinado?

Neste caso, nos posicionamos por nota, contra a opressão que corpos negros, periféricos e/ou LGBTQIA+ sofrem mundialmente, entendendo que o racismo e machismo

plausíveis, ainda mais com as atuais decisões do CUn sem a escuta discente sobre adaptações específicas.

Contudo, mesmo com essas adversidades reais entre es participantes, por enquanto, seguimos nos grupos DiCiTE e Literaciências com encontros por videoconferência, onde conseguimos dialogar sobre os nossos projetos de pesquisas e textos de intelectuais relacionadas, o que tem orientado as discussões acadêmicas pelas lacunas socialmente apresentadas.

foram precursores para o enraizamento de tais discriminações na sociedade, assumindo-nos portanto, o dever de combate em nossos referenciais teóricos e prática docente.



*Sesa Wo Suban- Transforme sua vida*



*Alguns dos nossos rostos no encontro DiCiTE*

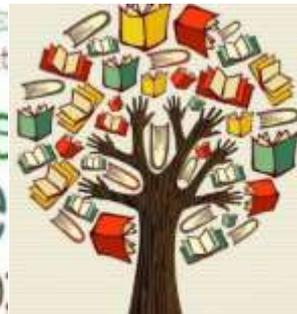


*Integrantes do grupo DiCiTE no #adiaEnem*

O Grupo de Estudos e Pesquisas de caráter interdisciplinar que recebe o acrônimo DiCiTE (Discursos da Ciência e da Tecnologia na Educação), sob coordenação da professora doutora Suzani Cassiani e do professor doutor Irlan von Linsingen, vem sendo construído coletivamente desde 2004. Pesquisadores de diferentes áreas disciplinares da Universidade Federal de Santa Catarina e de outras universidades do Brasil e do exterior, reconhecendo a necessidade de aprofundar questões relacionadas à Educação e Linguagem no Ensino de Ciências; Tecnologia face aos novos entendimentos públicos das relações entre ciência, tecnologia e sociedade; e articulações entre Educação Científica e Decolonialidade, contribuem com produções teóricas e práticas para o grupo.



Dentre as atividades do Grupo, que envolvem principalmente estudos de ensaios teóricos, estão resultando pesquisas e articulações das temáticas inerentes emergidas no DiCiTE. Na busca pela integração e socialização das pesquisas são desenvolvidos Projetos de Formação Continuada de Professores e Extensão em escolas públicas e para a comunidade em geral e também eventos como seminários e palestras, além de publicações que socializam os projetos de pesquisa, de ensino e de extensão desenvolvidos pelos integrantes do Grupo, aí relacionadas teses e dissertações, lista de discussões na Internet, artigos em revistas indexadas e não-indexadas, livros, participação de encontros com pesquisadores da área e seminários.



Alguns integrantes do grupo e convidados do Sarau Educação, Arte, Ciência e Resistência, promovido em 2018.



Arte de Suellen Souza Fonseca



Alguns integrantes do Grupo em encontro por videoconferência

O Grupo LITERACIÊNCIAS está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob coordenação das professoras doutoras Patrícia M. Girdali e Mariana B. Ramos. O grupo realizou seu primeiro encontro em março de 2018 e desde então, vem propondo diálogos e articulações entre Linguagem, LiteraturaS, Formação de Professores e Educação em Ciências. Compreendendo as literaturas como formas de resistência e de direitos humanos, professoras, mestrandas (os) e doutorandas (os) do programa de pós-graduação, professoras(es) da Rede de Educação Básica e membros da comunidade, reúnem-se periodicamente para apresentar e discutir seus projetos de pesquisa, práticas pedagógicas, leituras literárias e audiovisuais, visando contribuir para a produção de uma Educação em Ciências menos excludente.



Sou professora de Química da Escola de Educação Básica Aderbal Ramos da Silva, mãe e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. Faço parte dos grupos de Pesquisa DiCiTE e Literaciências e tenho interesse pela Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino de Ciências e na arte como metodologia decolonial, direcionando as minhas pesquisas para a valorização da cultura afro-brasileira nos currículos educacionais (GOMES, [2012](#), 2017; CERISARA, [1999](#)), buscando práxis pedagógicas antirracistas que possam ajudar a pensar diálogos mais plurais, conforme garantem os artigos 26-A e 79-B da LDB. O projeto de Mestrado com docentes pretende responder como vivências afro-brasileiras da Educação Infantil podem favorecer a intencionalidade antirracista nas Ciências da Natureza. Atualmente o plano de ação passa por resiliências por causa da pandemia e ciclone-bomba. Estando afastada da sala de aula para cursar a Pós-Graduação, minha rotina durante o isolamento, divide-se entre a responsabilidade partilhada de cuidar e educar o meu bebê Marielle ([veja leitura multissensorial](#)); trabalho voluntário e escrita coletiva com educadoras da Associação de Educadxs Negrxs de Santa Catarina, a qual fui eleita em 2019 como Tesoureira ([veja proposta de atividade durante o isolamento](#)); participações de aulas remotas, mediando reflexões sobre ancestralidade afro-pindorâmica e Ciências da Natureza; organização de eventos on-lines para formação continuada de docentes da Educação Básica; leituras e reuniões dos Grupos de Pesquisas.



**Suellen Souza Fonseca**  
<https://orcid.org/0000-0001-8462-052X>  
[suellensouzafonseca@gmail.com](mailto:suellensouzafonseca@gmail.com)



**Livia de Oliveira Guimarães**  
<https://orcid.org/0000-0002-5824-6308>  
[guimaraeslivia@hotmail.com](mailto:guimaraeslivia@hotmail.com)

*O estudo das histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas é obrigatório nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, conforme as Leis Nº 10.639/2003 e 11.645/2008. Porém, na área de Ensino de Biologia são escassas as pesquisas que discutam a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). Nesse sentido, a dissertação tem como objetivo geral analisar contribuições e limites de uma proposta didática sobre evolução biológica para o Ensino de Biologia no contexto da Educação das Relações Étnico-Raciais, em perspectiva decolonial.*



Estou realizando o Doutorado em Educação Científica e Tecnológica no PPGET, porém, agora estou na Colômbia desenvolvendo práticas de ensino de biologia, no chão de sala de aula e na realidade de burocracia que marca nosso trabalho como professoras e professores. Penso as possibilidades decoloniais no ensino de biologia e de ciências naturais. Também me interesso pelo fato de que realmente seja aplicada a Cátedra de Estudos Afro Colombianos, a qual é uma Lei da Colômbia estabelecida desde 1998 que contempla a obrigatoriedade de que todos os estabelecimentos educativos da Colômbia de nível pré escolar, básica e secundária abordem a luta antirracista, as contribuições das populações afro colombianas na história e na ciência do país. Porém, depois de mais de vinte anos da sua formulação, essa lei ainda não é nem conhecida por muitas escolas. Principalmente nas grandes cidades do país, onde a maioria da população se auto identifica como mestiça e, portanto, nem tem presente a discussão sobre o racismo.

Nesses tempos difíceis de pandemia, as atividades na escola aqui em Bogotá continuam desde a virtualidade e, por tanto, minha pesquisa também. Tenho conseguido pensar em práticas de ensino com minhas e meus estudantes, pessoas maravilhosas aliás, entre os 10 e 14 anos, pensando assuntos de justiça social desde o ensino de biologia. Pensando as questões etnicorraciais, de gênero, da decolonialidade e o aumento das desigualdades sociais nestes tempos. Também tem sido momento para gerar algumas produções acadêmicas como artigos e capítulos de livro, mostrando essas possibilidades desde a escola. Embora, não posso adiantar tudo e com muito detalhe aqui, deixo algumas fotos sobre esse processo, esperando em outro momento poder contar mais.



**Yonier Alexander Orozco Marín**  
<https://orcid.org/0000-0002-4095-4875>  
[apmusicomano@gmail.com](mailto:apmusicomano@gmail.com)



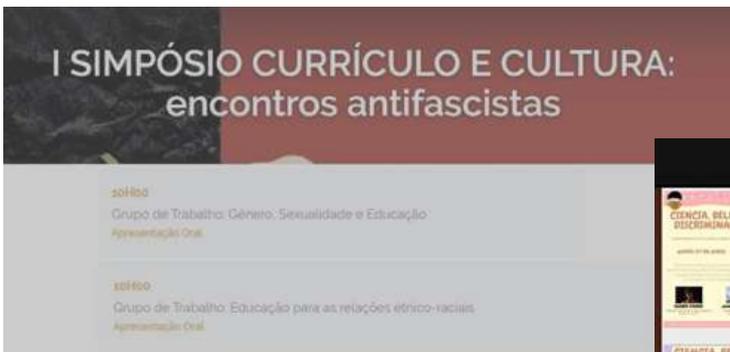
1. Um laboratório à distância com absorventes para definir qual é o melhor e problematizar a desigualdade de gênero em relação à menstruação.



2. Discutir o aumento da violência de gênero nesses tempos de pandemia.



3. Conhecer o legado do cientista senegalês Cheikh Anta Diop e a importância dos seus estudos.



4. Participar de evento internacional ao lado de mestres e doutores, junto com meus estudantes.



5. Representar corpos masculinos com útero e ovários, mostrando as diversidades de existência dos corpos.



Tra la afirmación de dos científicos franceses los cuales sugirieron la posibilidad de hacer los pruebas de la vacuna en contra del Covid-19 en África, se ha generado controversia y la OMS poco cortés en el asunto, declarando que no se hará estos grupos en gente africana ni en otras poblaciones o ciudades.

Declaraciones del Científico Jerónimo Jiménez:

Las vacunas en una muestra del virus, cuya función es crear anticuerpos para defender al organismo, esto significa que se expone la persona al contacto directo con la bacteria COVID 19. Para ello se usan métodos tales como: someter al microorganismo a temperaturas muy altas o componentes del mismo, los cuales se modifican y se usan en contra de este, las vacunas suelen tener efectos secundarios (fiebre, debilitamiento físico y demás) que en caso de ser experimentados por organismos vulnerables (como es el caso de la población africana) pueden no ser tolerados.

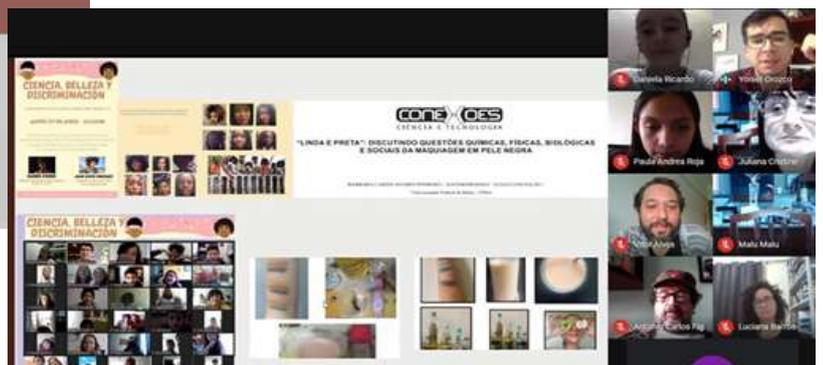
A esta situación le podemos sumar el alto grado de pobreza, la falta de cuidados médicos y atención médica, pocas medidas en grado de salubridad y escasez de alimentos, lo cual crea difícil situación y problemas críticos.

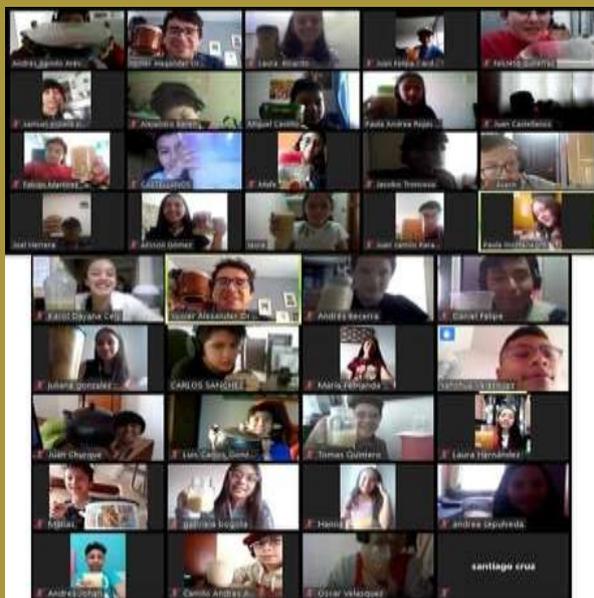
La población de más de 40 países de los 13 que viven en África han creado un alto índice de mortalidad en la población por falta de vacunas, alimentación y protocolos de prevención ante estas pandemias.

Para concluir, con el paso de los años, artistas y países se han unido con el objetivo de ayudar a una sociedad que lo requiere como es el continente africano, fundaciones como "We are the World" se refirieron por incentivar en el mundo africano sobre la situación económica actual, que dichos doctores franceses propusieron esto sería un retroceso en todos los campos que han aportado para una evolución social en África, debido a esta afirmación de los dos doctores es un acto racista por que son personas que se consideran superiores a nivel social, viendo como irrelevante la población africana.



6. Discutir o racismo de cientistas brancos que sugeriram realizar os testes da vacina para o COVID-19 no continente Africano.





7. Resgatar tradições e lutas indígenas na realização da chicha. E brindar em uma aula a distância com chicha.

Sou da turma de doutorado de 2019/2 no curso de Educação Científica e Tecnológica (PPGECT), na Universidade Federal de Santa /UFSC. Integro o grupo **Literaciências** e **DICITE**. Embora sejamos Educação Científica e Tecnológica, nos interessamos por pesquisas científicas com foco nas humanidades, assim como nos interessa entender o funcionamento da ciência e tecnologia junto aos territórios, povos subalternizados da educação pública, educação infantil, educação popular, educação de jovens, idosos e adultos, e movimentos sociais. Nos atentamos aos aspectos de colonialidade, racismos, machismos, sexismos, homofobia e branquitude, com a intencionalidade marcada para uma Educação em Ciências inclusiva.



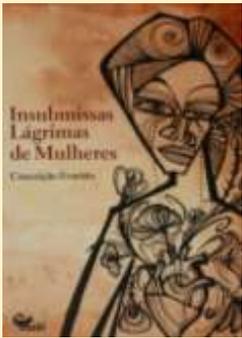
**Simone dos Santos Ribeiro**  
<https://orcid.org/0000-0003-0873-4474>  
[zenlua@gmail.com](mailto:zenlua@gmail.com)

Tendo o Ensino de Ciências como minha área de atuação profissional e agora de pesquisa, me preocupa o trânsito de informações científicas e suas consequências atuais na sociedade que segue carregando o peso de categorizações, que apesar de cientificamente destituídas de significação, ainda tem importância política e estruturam as sociedades. Ao longo da história, a ciência como uma produção humana foi originalmente construída com marcas eurocentradas, tem em seu histórico afirmações, como no caso da classificação racial dos seres humanos, que culminou por justificar quatrocentos anos de dominação, escravização e exploração de povos negros do continente africano e povos pertencentes a territórios colonizados, como no caso de povos originários dos países que compõem a América latina (PINHEIRO 2019). De maneira semelhante, os estereótipos anatômicos, fisiológicos e psicossociais que distinguem homens e mulheres justificariam a divisão sexual do trabalho e séculos de subalternização de mulheres (LERNER 2020), impedindo-as inclusive de realizarem trabalhos intelectuais ou de força física, o que dividiu inclusive a categoria de mulheres, excluindo as mulheres negras e não brancas como não pertencentes nem a este patamar de mulher.

Considerar uma literatura que não é biográfica, mas que também não é ficcional para a Educação em Ciências, pode não apenas ser uma boa ferramenta para aproximação entre a ciência e a vida das pessoas, mas um **potente instrumento epistemológico** como uma **maneira de aprender desde as experiências desses corpos**, para uma educação em ciências mais humanitária. Entendemos que a literatura de escrivivências (autora **Conceição Evaristo**), carrega a potencialidade, dentre outras, de visibilizar silêncios e modos de ser e estar no mundo (OLIVEIRA, 2009). Deste modo, a escolha de referências se torna ponto chave para um caminho epistemológico contra hegemônico, como descrito por Patrícia Hill Collins, a desconsideração de corpos negros e femininos como produtores de conhecimentos, levou as mulheres afro-americanas (definidas por amefricanas por Lélia Gonzalez), a usar a música, a literatura, as conversas e sua corporeidade como dimensões importantes para a construção de uma consciência negra feminina (COLLINS, 2019). Assim, a escuta e consideração de mulheres negras insurgentes desde o sul global, se torna imprescindível e nos ajuda a construir uma estrutura teórica que justifica tanto as escolhas, quanto a necessidade de mudanças nos caminhos do desenvolvimento dos conhecimentos. Descrevo algumas autoras que ao longo do processo do doutorado e estimulada por discussões nos grupos de pesquisa viemos desenvolvendo:



1. “*Pode o subalterno falar*” – desenvolvido por **Gayatri Chakravorty Spivak**;
2. “*Lugar de fala*” explicitado na atualidade por **Djamila Ribeiro**;
3. “*A Máscara*” capítulo do livro “*Memórias da Plantação*” de **Grada Kilomba** no texto que escreve uma análise sobre a máscara que a escravizada Anastácia foi forçada a usar como castigo que a impedia de falar;
4. Os condicionamentos determinados em “*Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*” de **Carolina Maria de Jesus** que tem muito mais a falar do que a vivência desde a favela;
5. **Maria Firmina dos Reis** que teve seu romance abolicionista Ursula, publicado em épocas jamais imaginada 1860;
6. “*Uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*” de **Gloria Anzaldúa**;
7. Interseccionalidade, cunhado conceitualmente por **Kimberlé Crenshaw** e atualmente descrito por **Karla Akotirene** como uma encruzilhada analítica e praticado no contexto do movimento negro feminino brasileiro por **Léliz González**;
8. “*O movimento negro educador*” por **Nilma Lino Gomes**;
9. Pedagogias decoloniais e interculturalidade com **Catherine Walsh**;
10. Inspirações da professora e primeira parlamentar negra brasileira **Antonieta de Barros**;
11. Além de referências do feminismo negro brasileiro e afroamericano como **Ângela Davis**, **Bell Hooks**, Patricia Hill Collins, **Sueli Carneiro**, Petronília Beatriz Gonçalves e Silva e tantas outras que com certeza negligenciei por não citar.



COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo Editorial, 2019.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Editora Cultrix, 2020.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva. Escrivência em Becos da memória, de Conceição Evaristo». *Revista Estudos Feministas* 17(2): 621-623. Florianópolis. 2009.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-Raciais. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, p. 329-344, 2019



**Dionia Eli Dorneles**

<https://orcid.org/0000-0002-8477-6716>

[di.dorneles@hotmail.com](mailto:di.dorneles@hotmail.com)

Sou professora de Ciências da Rede Municipal de Educação de São José/SC, recém mestra em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT/UFSC) e hoje, doutoranda pelo mesmo programa. Pesquiso, ao longo da minha curta trajetória acadêmica e profissional, articulações entre Linguagem (mais especificamente na perspectiva da Análise de Discurso), Literatura e Formação de Professores de Ciências Biológicas. Busco constantemente dialogar em minhas pesquisas e práticas, com a escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, com quem aprendo sobre os efeitos das colonialidades e os sentidos de resistência. Tenho buscado criar espaço para trabalhar à partir de sua literatura nas aulas de Ciências na escola, partindo da estranheza que essa articulação ainda causa nos estudantes, para propor um ensino mais humanitário e consciente de seus limites e possibilidades.



Arte de Leonardo Malavazzi



*Hoje tive um dia difícil. Muitas pessoas têm preconceito quando me veem catando papéis entre o lixo pelas ruas. Não me envergonho do que faço, mas é um trabalho pesado. Chego em casa sempre cansada e nem sempre consigo trazer os alimentos para os meus filhos. Escrever o meu diário é o que me fortalece diante das injustiças que vejo e vivo. Hoje escrevi um poema...*

#### **Muitas fugiam ao me ver...**

Muitas fugiam ao me ver... Pensando que eu não percebia. Outras pediam pra ler...Os versos que eu escrevia. Era papel que eu catava. Para custear o meu viver. E no lixo eu encontrava, livros para ler. Quantas coisas eu quis fazer. Fui tolhida pelo preconceito. Se eu extinguir quero renascer, num país que predomina o preto.

•••

Adeus! Adeus, eu vou morrer! E deixo esses versos ao meu país. Se é que temos o direito de renascer, quero um lugar, onde o preto é feliz!

*Atividade de Ciências sobre Radiatividade produzida para o 9º ano. A imagem foi retirada do livro Carolina, de Sirlene Barbosa e João Pinheiro (2016). O poema é de Carolina Maria de Jesus, no livro Antologia pessoal, organização de José Carlos Sebe Bom Meihy (1996)*

Ser professora em tempos de pandemia por Covid-19 não tem sido uma experiência fácil. - *Aceita que dói menos!* - *É preciso se reinventar!* - *Mostre o seu lado empreendedora!* - *Quem quer, faz!* Dizem os apelos nas redes sociais. Aceita professora que sua carga horária não será mais respeitada, que você será chamada em todos os grupos de whatsapp nos finais de semana, que sua vida girará entre a possibilidade desastrosa de um retorno às aulas presenciais e a incerteza da manutenção de seu contrato temporário de trabalho. Se reinvente, abra a sua casa e explore todas as tecnologias digitais possíveis, mesmo que boa parte de seus estudantes não possam acessá-las por falta de recursos financeiros. Empreenda enquanto a desigualdade entre a Educação pública e privada só aumenta. Quem quer, faz! Afinal, aluno comprometido encontra um jeito de estudar. Mesmo quando falta comida na mesa? Meu alento tem sido encontrar fortalecimento nos grupos de pesquisa DICITE e LITERACIÊNCIAS e sobretudo, junto aos colegas professores da Escola do Mar Flávia Scarpelli Leite e do Centro Educacional Municipal Morar Bem, que têm trabalhado muito para escutar e acolher os estudantes e suas famílias, realizando um trabalho pedagógico que não mede esforços para chegar ao maior número possível de estudantes. *Educação e distância* não cabem na mesma frase, não cabem na escola. E sei disso porque grande parte das mensagens que recebo dos meus estudantes não é sobre o conteúdo, é sobre SAUDADE! E para finalizar essa reflexão, deixo que Manoel inunde tudo com poesia.

*Para entender nós temos dois caminhos:  
o da sensibilidade que é o entendimento do corpo;  
e o da inteligência que é o entendimento do espírito.*

*Eu escrevo com o corpo.*

*Poesia não é para compreender, mas para incorporar.*

*Entender é parede; procure ser árvore.*

Manoel de Barros, trecho do livro "Gramática expositiva do chão: poesia quase toda". Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990, p. 212.)



*Ebook dicite, capa de Andreza de Oliveira*

Acesse o hiperlink acima ou consulte em <https://dicite.paginas.ufsc.br/>



*Kassiano Ademir Amorim  
Ferreira  
kassiano.ferreira2@gmail.com*



Sou mestre em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT/UFSC), agora doutorando pelo mesmo programa, membro dos grupos DICITE e Literaciências. A principal temática das minhas pesquisas, desde a época da graduação, é sobre Histórias em Quadrinhos e Educação em Ciências. A partir do mestrado inclui nas minhas referências os estudos decoloniais, que agora irão fazer parte da pesquisa de doutorado. Como as HQs mais reconhecidas são as estadunidenses, claramente é necessário discutirmos a decolonialidade dos quadrinhos, ou como prefiro dizer, a Decolonialidade Quadrinística. As articulações que faço entre ciências e HQs, agora envolve quadrinhos nacionais, e que tragam discursos e discussões subalternas.

Em tempos de pandemia, e pós-mestrado as leituras que faço, são para conhecer cada vez mais os subalternos do lugar de onde vim. De Senhor do Bonfim, interior da Bahia, estou buscando saber quais são os povos indígenas que aqui habitavam e que até hoje sua herança permanece pela cidade; qual a história do distrito quilombola que sofre preconceito de muitos da cidade; e qual a identidade do povo dessa cidade que lida com a caatinga, que tem a cultura sertaneja entrelaçada na alma mas que muitas vezes é abatida pela modernização que apaga essa identidade.

As poucas leituras encontradas trazem histórias e revelações que mais de duas décadas vivendo e estudando em solo bonfinense não fui capaz de descobrir. O que aprendi nos grupos de pesquisa, me levaram a essas leituras e essas leituras motivam a minha pesquisa de doutorado e alimentam o desejo de trazer essas discussões para a Educação em Ciências. Se algo posso falar com certeza é que diferente do que me contaram os desbravadores brancos que fundaram a cidade não são o que o povo bonfinense é e muito menos os heróis locais.

E como quadrinhos são uma ponte para discussões, reflexões, denúncias e mudanças, espero encontrar algum que retrate essa realidade. Enquanto não encontro deixo a HQ que fez parte da minha dissertação, mas que também mudou minha forma de olhar os quadrinhos. *Contos dos Orixás* é uma história negra, que modifica as representações negras, femininas, científicas e de relações com a natureza que as HQs comumente não trazem.

*Deixo um HQ de João Pinheiro, onde o autor retrata os tempos que vivemos pela perspectiva subalterna, daqueles que não aparecem nas notícias.*

*Sobre a comunidade quilombola.*

*Sobre o remanescente indígena.*



**ISOLAMENTO PARA QUEM? HQ RETRATA A  
PANDEMIA NA PERIFERIA**

Sou professora de ciências e biologia, aluna de doutorado no curso de Educação Científica e Tecnológica (PPGECT), na Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC e membra dos grupo de pesquisa DICITE. Como professora, pude perceber que o ensino de ciências costuma reproduzir/naturalizar padrões de uma Ciência hegemônica, ocidental, masculina, branca e heteronormativa. Tendo em vista a construção de uma visão mais coerente sobre a Ciência, que permita a promoção de um ensino de ciências comprometido com a justiça social para sujeitos excluídos e marginalizados pelo racismo, classismo e pela cis-heteronorma, proponho, em minha pesquisa, apontar as possíveis contribuições da utilização da abordagem feminista, decolonial e interseccional numa disciplina sobre gênero na formação de professores de ciências. Para essa abordagem optei por utilizar livros de literatura escrito por **mulheres negras, africanas e latino-americanas**, visto que segundo Bell Hooks (2019), a literatura é uma ferramenta crucial na formação feminista, uma vez que promove a conscientização crítica e questiona pensamentos sobre gêneros arcaicos que continuam sendo norma na formação das crianças e adolescentes.

A partir de uma análise cuidadosa escolhi algumas obras que representam perspectivas **feminista, antimachista, antirracista e antipatriarcal**, sendo elas:

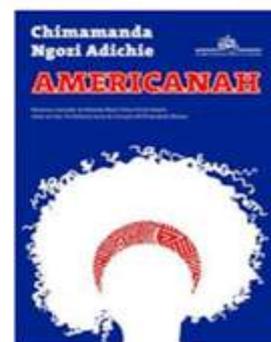
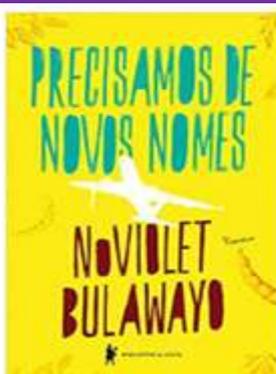


**Maira Caroline Defendi Oliveira**

<https://orcid.org/0000-0002-5386-5054>  
maira\_defendi@hotmail.com

*Pretendo a partir da leitura e discussão de trechos desses livros, e de outros pressupostos teóricos relacionados ao feminismo, decolonialidade e interseccionalidade, abordar questões sobre colonialismo/colonialidade, capitalismo, escravidão, racismo, sexismo e patriarcado, machismo, violência sexual e imigração. Temáticas essas, que considero fundamentais na promoção de um ensino de ciências para a justiça social.*

*HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras -6ª ed.-Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.*





*Eu sou a Ana,  
nome que é  
possível ler de  
trás pra frente da  
mesma forma, o  
que explica eu às  
vezes ficar...*



**Ana Lara**  
analaraschlin@gmail.com

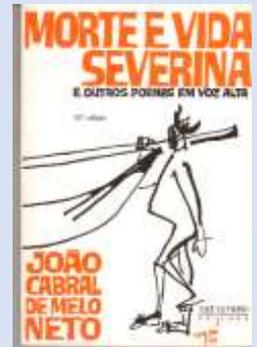


Ana significa também *eu sou* em árabe, a caligrafia em que a palavra se torna arte em seus traços. Por isso, há algo em mim, que já trago no nome, que apenas é.

Sou uma nessoa com gosto nela nalavra. quase se como em minha língua elas ganhassem um Assim, a poesia é quase alimento, a rima é nutritiva e medicinal.

**SaBer.**

Sou licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Com a licenciatura, virei professora convicta do chão da escola pública e comprometida com a luta que dela brota. Nessa de tentar pôr juntas a poesia que alimenta com a educação em Ciências, fiz uma prática ainda na graduação através do poema *Morte e Vida Severina*, do autor pernambucano branco João Cabral de Melo Neto. Na história, o retirante Severino cruza o estado do Pernambuco até chegar ao Recife em busca de uma vida menos seca e menos marcada pela morte do campo-latifúndio. Mas, foi ver a criançada da quebrada de São José cantando Racionais MC's pra eu me questionar sobre a importância das produções literárias e artísticas fruto das periferias estarem nas aulas de Ciências, fortalecendo desde baixo, a partir da sua própria arte, o povo periférico. É trazer uma literatura que não apenas fale do pobre, negro ou retirante, mas que seja escrita por suas mãos.



As andanças me levaram de uma literatura sobre ser retirante, para aquela produzido pelos filhos e netos dessas retirantes, que aos montes ao se retirar da seca que o capitalismo causa no sertão, chegam nos grandes centro urbanos do país e se unem retiradas nas periferias.



*Gargaleira ou Quem falará por nós?, do artística plástico Sidney Amaral*

*Dentro do livro ou sob o cárcere do privilégio, ela [a literatura] se deita com Victor Hugo, mas não com os miseráveis. Beija a boca de Dante, mas não desce até o inferno. Faz sexo com Cervantes e ri da cara de Dom Quixote. É triste, mas a rosa do povo não floresce no jardim plantado por Drummond.*

*Quanto a nós, capitães da areia amados por Jorge, não restou outra alternativa a não ser criar o nosso próprio espaço para a morada da poesia.*

**Sérgio Vaz, no livro *Literatura, pão e poesia***

Com isso, caí de cabeça e coração nas literaturas periféricas, movimento literário das últimas décadas no Brasil, com mais força em São Paulo. As periferias nesse movimento vêm expropriando algo que era exclusivo das elites: escrever literatura. Ao colocar no papel ou ao lançar suas rimas pelas ruas em batalhas de rap ou *slams*, temos a denúncia de um Estado que mata o povo preto e pobre nas quebradas do país, em uma história de exclusão e genocídio, assim como temos o anúncio constante de uma nova forma de se organizar desde baixo, onde a periferia faz ela por ela o sonho de uma vida digna.

*provoca dor  
Estado*

*prova a dor  
nós.*

*Provocador*, parte do livro *Um verso e  
Mei* da poeta Meimei Bastos



*Mãe Preta ou A fúria de Iansã*, de Sidney Amaral.

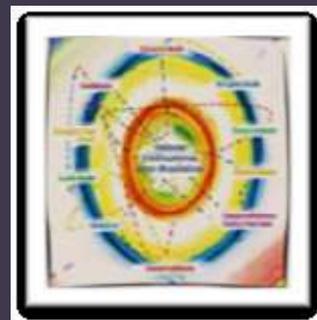
Penso em minha pesquisa de mestrado de que forma o ensino de Ciências pode aprender com as literaturas periféricas, tentando através de sua presença em sala de aula construir uma educação libertadora, antirracista e decolonial. Assim como pensar as formas de expropriação da Ciência, tal qual foi feito com a literatura, para que possamos construir também uma ciência popular. É uma pesquisa de quem acredita fortemente que mais forte sempre são os poderes do povo. Um salve pras poetisas da rua!



**Patrícia Goulart Pinheiro**

<https://orcid.org/0000-0002-4286-032X>  
[patgopi@gmail.com](mailto:patgopi@gmail.com)

*Sou Patrícia, nasci e cresci  
em Porto Alegre, capital do Rio  
Grande do Sul. Me formei  
Bióloga, nas ênfases de  
bacharelado e licenciatura, pela  
UFRGS. As minhas formações são  
motivo de orgulho para mim e  
para os meus, pois uma pessoa  
negra persistindo nos seus sonhos  
significa muito!*



*Mandala dos valores Afro-Brasileiros*, de Azoilda  
Loretto da Trindade.



Foi na ideia da persistência que vim parar em Santa Catarina para fazer mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (UFSC) e passei a integrar o grupo de pesquisa DICITE. Cheguei na UFSC no início da pandemia e fui virtualmente acolhida pelo grupo. Os nossos encontros quinzenais têm sido importantes para pensarmos conjuntamente sobre a decolonialidade e sobre os estudos de intelectuais do movimento negro brasileiro. Essas leituras trazem possibilidades para uma educação que parta da perspectiva dos subalternos. Persistindo em horizontalizar as relações, a minha pesquisa de mestrado busca uma educação antirracista que estimule os estudantes a criar potências e agências de ser e se ver nas Ciências. Tenho como objetivo investigar e compreender o que estudantes questionam, dizem e contribuem sobre a tensão entre o universalismo e a neutralidade as Ciências e outras possibilidades de ser e fazer científico.



*Sou o Roberth De-Carvalho, negro, antirracista, educador, poeta, tio, filho, estudante, funcionário público, e em eterna busca por justiça social, étnica e cognitiva. Para isso, como pesquisador em Educação Científica e Tecnológica, pelo PPGECT/UFSC, venho dialogando com o Movimento Hip Hop e suas diásporas pelas Américas, como perspectiva de linguagem para o ensino decolonial de ciências.*

**Roberth De-Carvalho**

[https://www.instagram.com/r\\_de\\_carvalho](https://www.instagram.com/r_de_carvalho)  
<https://twitter.com/RoberthDeCarva2>



Por esse caminho, me interesso por vozes negr@s subalternizad@s dentro da “empresa colonial” (CÉSAIRE, 2010) que produzem a “literatura do oprimido” (livro organizado por Toni C., em 2009). Como denúncia que embasa uma importante teoria social: o “Racismo Estrutural” (livro de Silvio de Almeida, lançado em 2019). Portanto, temos buscado “Rappensar o direito à pluralidade das vozes menores”. (DIAS, 2019, p. 152). Isso tem sido possível a partir de importantes discussões nos grupos de estudos e pesquisas: DiCiTE (coordenado pel@s professor@s-pesquisador@s: Suzani Cassiani e Irlan Von Linsingen, respectivamente, minha Orientadora e meu Co-Orientador) e Literaciências (coordenado pel@s professoras-pesquisadoras: Patrícia Montanari Giraldo e Mariana Brasil).

Com a pandemia do COVID-19, que tem assolado especialmente populações negras e indígenas pelo descaso governamental do Brasil, o que reforça o histórico processo de subalternização nas Américas (e no mundo) pelo racismo estrutural, essa pesquisa tem se solidarizado com estratégias de sobrevivência de artistas ligad@s ao Movimento, por suas dimensões: social, econômica, alimentar, de renda, em diálogo de saberes com a periferia.

As casas não são grande e geralmente muita gente  
 Aglomeração inevitável  
 Alguns lugares ainda não tem água potável  
 Se cuida aí

Ih, que vai faltar espaço na UTI  
 Se a gente não fizer o certo pra se prevenir  
 Lavando bem as mãos evitando toque na mucosa  
 O bagulho é sério não tem cura milagrosa

Pois bem não tem plano de contingência  
 Alguns vão se contaminar por conta dessa negligência  
 Outros vão pegar por conta da ignorância  
 Liderança que se perde se acha na arrogância  
 (MV BILL, 2020, s/p.)

***É o nosso depoimento em tempos de isolamento social. Paz e saúde a tod@s !***

**Referências**

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos plurais; coord. de Djamilia Ribeiro).  
 C., Toni. (org.). *Hip Hop a lápis: a literatura do oprimido*. São Paulo: Editora do autor, 2009.  
 CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. de Anísio Garcez Homem. 1. reimp. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.  
 DIAS, Cristine Correia. *A pedagogia Hip Hop: consciência, resistência e saberes em luta*. Curitiba: Appris, 2019. (Educação, tecnologias e transdisciplinaridade).  
 MV BILL. *Quarentena*. Produção musical: Mortão. Montagem e edição: Rodrigo Felha e Jefferson Teófilo.  
 Produção web: Vivi Reis. Rio de Janeiro: YouTube<sup>BR</sup>, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NQiykuwYLSk>.



Dia 25 de julho é a data escolhida para reconhecer a luta das mulheres negras latino-americanas e caribenhas. Tereza de Benguela é uma dessas mulheres, uma heroína negra e líder quilombola que viveu no século XVIII, no Vale do Gaporé, no Mato Grosso.

Após a morte de seu companheiro, José Piolho, Tereza liderou o Quilombo de Quariterê, o qual abrigava mais de 100 pessoas negras e indígenas. Tereza foi capturada por soldados em 1770 e a causa de sua morte permanece não declarada.

Quando se trata de mulheres negras, o silêncio que invisibiliza múltiplas violências parece ser normalizado e normatizado.

**Quem mandou matar Marielle?**



<http://cnmp.org.br/>

# 25 de julho, Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha

A Lei 12987/2014, sancionada pela então Presidenta Dilma Roussef, dispõe sobre a criação do Dia Nacional de Tereza Benguela e da Mulher Negra no Brasil.



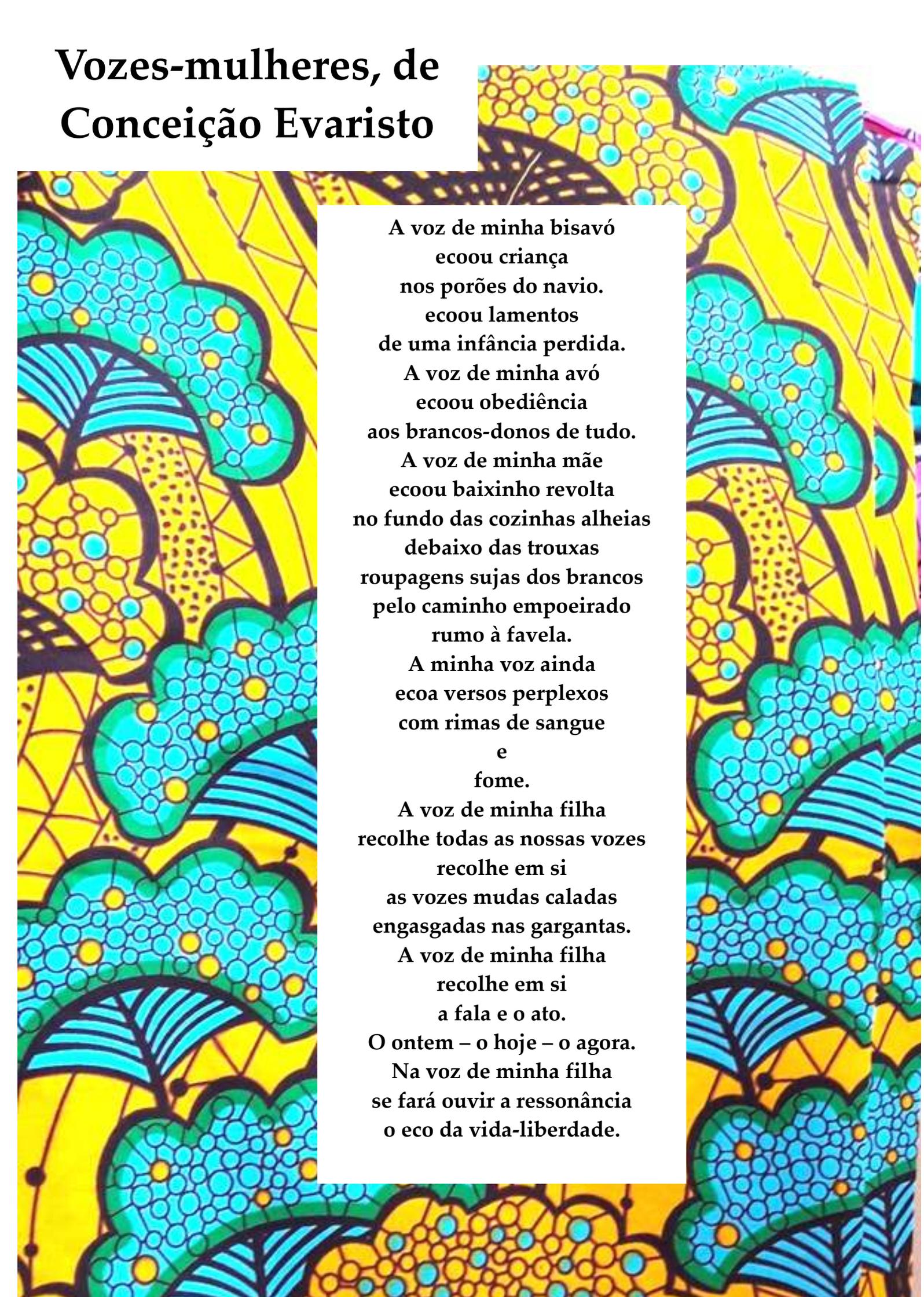
Tereza Benguela

Apesar da importante data, destinada a dar visibilidade a mulheres negras que foram e são fundamentais em todos os territórios, ainda são fortes as amarras do racismo e do machismo. As resistências são diárias e a visibilidade necessária.

Deixamos um salve a Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Antonieta de Barros, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, Dandara, Elza Soares, e tantas outras e a todas as mulheres maravilhosas que integram os coletivos DiCiTE e LITERACIÊNCIAS!



# Vozes-mulheres, de Conceição Evaristo



A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.  
A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.  
A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.  
A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade.